1

A traineira mergulhava nas ondas furiosas do mar escuro e selvagem como um animal desajeitado tentando desesperadamente se libertar de um pântano impenetrável. As vagas se erguiam a alturas monstruosas, arremetendo contra o casco com força bruta; a espuma branca contrastando com o céu noturno cascateava sobre o tombadilho sob a força do vento da noite. Por toda a parte se ouviam sons de dor inanimada, madeira forçando madeira, cordas vibrando, esticadas ao ponto de arrebentar. O animal estava morrendo.

Duas explosões repentinas transpassaram os sons do mar e do vento e a dor do barco. Vieram da cabine parcamente iluminada, que subia e descia com o movimento. Um homem lançou-se pela porta afora e apoiou-se na balaustrada com uma das mãos, a outra no estômago.

Um segundo homem o seguiu, cauteloso na perseguição, violento na intenção. Ficou de pé apoiando-se na porta da cabine; levantou a arma e atirou de novo. E de novo.

O homem na balaustrada levou instantaneamente ambas as mãos à cabeça, curvando-se para trás sob o impacto da quarta bala. A proa da traineira mergulhou subitamente no vácuo de duas gigantescas ondas, lançando o homem ferido para cima; ele virou-se para a esquerda sem poder tirar as mãos da cabeça. O barco empinou, proa e meia-nau lançando-se para fora da água, jogando o homem apoiado na porta para dentro da cabine, um quinto tiro disparado sem direção. O homem ferido gritou, as mãos agora tentando agarrar-se a qualquer coisa que ele pudesse, os olhos cobertos pelo sangue e a incessante espuma do mar. Não havia nada a que ele pudesse se agarrar, e não conseguiu segurar-se a nada; as pernas dobraram-se enquanto seu corpo era lançado para frente. O barco inclinou-se violentamente a sotavento, e o homem com o crânio lacerado caiu por sobre a balaustrada, mergulhando na loucura da escuridão.

Ele sentiu a água fria envolvê-lo rapidamente, engolindo-o, puxando-o para baixo e fazendo-o girar em círculos e depois empurrá-lo para a superfície só para que ele pudesse inspirar uma diminuta quantidade de ar. Uma única tomada de ar e lá foi ele para baixo novamente.

E sentia calor, um calor úmido estranho na têmpora, queimando na água gelada que o engolia e tornava a engolir, um fogo onde não devia queimar nenhum fogo. Havia gelo, também; um pulsar gelado no estômago e nas pernas e no peito, estranhamente aquecido pelo mar gélido a seu redor. Ele sentia tudo isso e percebia seu próprio pânico na medida de suas sensações. Via seu próprio corpo dando voltas e girando, braços e pés lutando freneticamente contras as pressões do redemoinho. Podia sentir, pensar, ver, perceber o pânico e a luta – mas, estranhamente, havia paz. Era a calma do observador, do observador distante, longe dos acontecimentos, percebendo-os mas não essencialmente envolvido.

Então uma outra forma de pânico apoderou-se dele, crescendo através do calor e do gelo e da percepção distanciada. Ele não podia se render à paz! Ainda não! la acontecer a qualquer instante agora; ele não tinha certeza do que era, mas ia acontecer. Ele tinha de *estar* lá!

Moveu os pés furiosamente, aferrando-se às enormes muralhas de água acima de si, o peito ardendo. Surgiu à superfície, debatendo-se para permanecer acima das ondas escuras. Suba! *Suba!*

Uma onda monstruosa se formou e arrebentou; ele estava na crista, rodeado de bolsões de espuma e escuridão. Nada. Vire! *Vire!*

Aí aconteceu. A explosão foi violentíssima; ele pôde ouvi-la, acima do fragor das águas e do vento, a visão e o som de certa forma servindo de passagem para a paz. O céu iluminou-se como um diadema chamejante, e dentro daquela coroa de fogo objetos de todas as formas e tamanhos foram lançados através da luz para o interior das trevas que o cercavam.

Ele tinha vencido. O que quer que fosse, ele tinha vencido.

De repente ele foi lançado para baixo novamente, outra vez para dentro de um abismo. Pôde sentir as águas avassala-

doras desabando sobre seus ombros, esfriando o calor incandescente da têmpora, aquecendo as incisões gélidas no estômago e nas pernas e...

Seu peito. Seu peito entrou em agonia! Ele tinha sido atingido – o golpe esmagador, o impacto súbito e intolerável. Tinha acontecido de novo! *Deixe-me em paz. Me dê paz.*

E novamente!

E ele se agarrou novamente e bateu com os pés outra vez... até que sentiu algo. Um objeto grosso, oleoso, que se movia apenas com os movimentos do mar. Não conseguia dizer o que era, mas estava ali e ele podia senti-lo, segurá-lo.

Segure-o! Ele o conduzirá para a paz. Para o silêncio da escuridão... e paz.

Os raios do sol da madrugada surgiram através das brumas do céu a leste, fazendo resplandecer as águas calmas do Mediterrâneo. O capitão de um pequeno barco pesqueiro, olhos injetados de sangue, mãos marcadas de queimaduras de corda, estava sentado na borda do convés da popa fumando um Gauloise, embevecido com a vista do mar tranquilo. Deu uma olhada para a casa do leme aberta; seu irmão mais moço empurrava o acelerador de mão para apressar a marcha, enquanto o outro único tripulante inspecionava uma rede a alguns metros de distância. Riam de alguma coisa e isso era bom; não havia nada do que rir das coisas da noite passada. De onde tinha vindo aquela tempestade? Os boletins do tempo de Marselha não indicavam nada; se indicassem alguma coisa, ele teria ficado abrigado no litoral. Queria alcançar as águas piscosas a oitenta quilômetros ao sul de La Seyne-sur-Mer de madrugada, mas não à custa de consertos caros e que consertos não eram caros hoje em dia?

Ou à custa de sua vida, e houve momentos na noite passada em que chegou a pensar seriamente nessa hipótese.

– *Tu es fatigué, hein, mon frère?* – gritou seu irmão, rindo para ele. – *Va te coucher maintenant. Laisse-moi faire.*

– *D' accord* – respondeu o irmão, jogando o cigarro sobre a balaustrada e escorregando para o convés, sobre uma rede. – Um pouco de sono não vai fazer mal.

Era bom ter um irmão ao leme. Um membro da família devia sempre ser o piloto num barco da família; os olhos eram

mais argutos. Mesmo um irmão que falava com a linguagem suave de um homem culto, ao contrário de seu próprio linguajar rude. Maluco! Um ano na universidade e seu irmão queria fundar uma *compagnie*. Com um único barco que já tinha visto dias melhores há muitos anos. Maluco. O que adiantaram seus livros ontem à noite? Quando sua *compagnie* estava a ponto de soçobrar.

Fechou os olhos, deixando as mãos mergulhadas na água que rolava pelo tombadilho. O sal do mar seria bom para as queimaduras das cordas. Queimaduras recebidas enquanto amarrava o equipamento que teimava em não ficar no lugar durante a tempestade.

– Olha! Lá!

Era seu irmão; aparentemente os penetrantes olhos da família não iam deixar que ele dormisse.

– O que é? – gritou.

– Na proa, a bombordo! Há um homem no mar! Está se segurando em alguma coisa! Um destroço, um tipo de tábua.

O capitão tomou o leme, desviando o barco para a direita do vulto na água, desligando os motores para reduzir a marola. O homem tinha a aparência de que o menor movimento o faria escorregar do pedaço de madeira ao qual se agarrava; tinha as mãos brancas, presas com força na borda, como garras, mas o resto do corpo estava flácido – tão flácido quanto o de um homem completamente afogado que tivesse deixado este mundo.

– Dá um laço nas cordas – gritou o capitão para seu irmão e o outro tripulante. – Mergulha elas em torno das pernas dele. Devagar agora! Vai puxando elas para a cintura. Puxa devagar.

– As mãos dele não largam a tábua!

– Segura ele agora! Força as mãos! Pode ser o aperto da morte.

– Não. Ele está vivo... mas não muito, acho eu. Os lábios se mexem, mas não sai som. Os olhos também, embora eu duvide que ele esteja nos vendo.

– As mãos se soltaram!

– Levanta ele. Pega ele pelos ombros e puxa ele para cima. Devagar, *agora!*

– Minha Mãe do Céu, olha para a cabeça dele! – gritou o tripulante.

– Está aberta.

– Deve ter batido com ela na tábua durante a tempestade – disse o irmão.

– Não – discordou o capitão, olhando bem para o ferimento. – É um corte limpo, como o de uma navalha. Causado por uma bala. Ele levou um tiro.

– Não se pode saber ao certo.

– Em mais de um lugar – acrescentou o capitão, os olhos percorrendo o corpo. – Vamos embicar para Ile de Port Noir, é a ilha mais próxima. Há um médico na zona do porto.

– O inglês?

– Ele dá consultas.

– Quando consegue – disse o irmão do capitão. – Quando o vinho deixa. Ele tem mais sucesso com os animais dos pacientes do que com os pacientes.

– Não importa. Este aqui já vai ser um cadáver quando chegarmos lá. Se por acaso ele viver, eu vou cobrar dele a gasolina extra e o que deixamos de pescar. Pega o kit de primeiros socorros.Vamos enfaixar a cabeça dele que é o melhor que podemos fazer.

– Olha! – gritou o tripulante. – Olha os olhos dele.

– O que é que tem? – perguntou o irmão.

– Um instante atrás eles eram cinzentos, cinzentos como cabos de aço. Agora são azuis!

– O sol está mais forte – disse o capitão, dando de ombros. – Ou está fazendo truques com os próprios olhos. Não interessa, não há cores na sepultura.

Os apitos intermitentes dos barcos pesqueiros se misturavam aos incessantes guinchos das gaivotas; juntos compunham os sons universais de um porto. O dia já ia avançado, o sol, uma bola de fogo no oeste, o ar parado e úmido demais, quente demais. Sobre os ancoradouros e de frente para a baía havia uma rua calçada de pedras com diversas casas brancas manchadas, separadas entre si por uma relva crescida que saía da terra seca e da areia. O que restava das varandas eram treliças remendadas e reboco em ruínas, apoiados em pilares colo-

cados ali apressadamente. As residências já tinham visto dias melhores há várias décadas, quando os habitantes acreditavam equivocadamente que Ile de Port Noir poderia vir a ser um outro playground do Mediterrâneo. Isso nunca aconteceu.

Todas as casas tinham alamedas para a rua, mas a alameda da última casa do conjunto era evidentemente mais usada que as outras. Pertencia a um inglês que havia chegado a Port Noir oito anos atrás sob circunstâncias que ninguém entendia nem se importava; ele era médico, e o porto precisava de um médico. Anzóis, agulhas e facas eram ao mesmo tempo meios de subsistência e instrumentos de incapacidade. Se alguém ia ao *docteur* num dia bom, as suturas não eram tão ruins. Por outro lado, se o cheiro de vinho ou uísque era muito forte, a coisa era arriscada.

Tant pis! Era melhor ele do que ninguém.

Mas não hoje; ninguém passava na alameda hoje. Era domingo, e todo mundo sabia que toda noite de sábado o médico tomava uma bebedeira na cidade, terminando a noite com qualquer prostituta à mão. Naturalmente se sabia também que nos últimos sábados a rotina do médico tinha se modificado; ele não havia mais sido visto na cidade. Mas nada mudara radicalmente; o médico recebia regularmente garrafas de uísque escocês. Ele simplesmente ficava em casa agora; procedia assim desde que o barco pesqueiro vindo de La Ciotat lhe trouxera o homem desconhecido que era mais cadáver do que homem.

O dr. Geoffrey Washburn acordou de repente, o queixo caído sobre a clavícula fazendo seu hálito invadir as narinas; e não era agradável. Piscou, orientou-se e olhou para a porta aberta do quarto. O cochilo teria sido interrompido por um outro monólogo incoerente de seu paciente? Não, não se ouvia nada. Até mesmo as gaivotas lá fora estavam caridosamente quietas; era o dia santificado de Port Noir, nenhum barco chegando para atrair os pássaros com o fruto da pescaria.

Washburn olhou para o copo vazio e a garrafa de uísque pela metade na mesa ao lado de sua cadeira. Já era um progresso. Num domingo normal, ambos já estariam vazios, a dor da noite anterior esvaída pela bebida. Sorriu para si mesmo,

uma vez mais abençoando uma velha irmã em Coventry que tornava possível o uísque escocês com o que ela ganhava mensalmente. Era uma boa moça, Bess era mesmo, e Deus sabia que ela podia gastar um monte de dinheiro mais do que lhe mandava, mas ele lhe era grato por ela fazer o que fazia. Mas um dia ela não mais o faria, o dinheiro não mais viria, e então o esquecimento seria conseguido com o vinho mais barato até que não houvesse mais dor. Nunca mais.

Ele já se conformara com esse fim... até três semanas e cinco dias atrás, quando o estranho semimorto fora arrancado do mar e trazido a sua porta por pescadores que não se deram ao trabalho de se identificar. Estavam numa missão de caridade, não de envolvimento. Deus compreenderia; o homem tinha levado uns tiros.

O que os pescadores não sabiam era que mais do que balas haviam invadido o corpo do homem. E sua mente.

O médico levantou da cadeira seu corpo magro e foi andando sem equilíbrio até a janela que dava para a baía. Abaixou a veneziana, fechando os olhos para bloquear o sol, depois espreitou entre as aletas observando a atividade na rua abaixo, especialmente a razão do estardalhaço. Era uma carroça puxada a cavalo, a família de um pescador dando um passeio dominical. Onde no inferno seria possível ver uma coisa assim? E aí ele se lembrou das carruagens e dos cavalos bem tratados que percorriam o Regent Park em Londres, conduzindo turistas nos meses de verão; riu alto com a comparação. Mas seu riso foi curto, substituído por algo impensável há três semanas. Tinha abandonado toda esperança de ver a Inglaterra novamente. Era possível que isso mudasse agora. O estranho poderia ser responsável por essa mudança.

A menos que seu prognóstico estivesse errado, aquilo aconteceria a qualquer dia, a qualquer hora ou minuto. Os ferimentos nas pernas, no estômago e no peito eram profundos e sérios, possivelmente fatais se não fosse pelo fato de as balas terem ficado onde se alojaram, autocauterizadas e continuamente lavadas pelo mar. Extraí-las fora muito menos perigoso do que poderia ter sido, pois o tecido estava preparado, amaciado, esterilizado, pronto para um bisturi. O ferimento no crânio foi o verdadeiro problema; não só a penetração fora

subcutânea, como parecia ter lesionado as regiões fibrosas do tálamo e do hipocampo. Se a bala tivesse entrado alguns milímetros a mais para qualquer dos dois lados, as funções vitais teriam cessado; elas não tinham sido prejudicadas, e Washburn tomara uma decisão. Ficou sóbrio por 36 horas, comendo a maior quantidade de amido e bebendo tanta água quanto humanamente possível. Então ele realizou a mais delicada operação que já havia tentado desde que fora demitido do Hospital Macleans, em Londres. Milímetro por milímetro, angustiadamente, ele fez uma lavagem com escova das áreas fibrosas e depois esticou e suturou a pele sobre o ferimento no crânio, sabendo que o mais leve erro com a escova, a agulha ou a pinça causariam a morte do paciente.

Ele não desejava que aquele paciente desconhecido morresse por diversas razões. Mas especialmente uma.

Quando tudo terminou e os sinais vitais ficaram constantes, o dr. Geoffrey Washburn voltou para sua dependência química e psicológica. Sua garrafa. Tinha se embebedado e ficara assim, mas não passara dos limites. Sabia exatamente onde se encontrava e o que estava fazendo a todo momento. Definitivamente um progresso.

Agora, um dia qualquer, a qualquer hora talvez, o estranho focalizaria os olhos e palavras inteligíveis sairiam de seus lábios.

A qualquer momento mesmo.

As palavras chegaram primeiro. Pairaram no ar enquanto uma precoce brisa da manhã refrescava o quarto.

– Quem está aí? Quem está neste quarto?

Washburn sentou-se na cama de lona, colocou silenciosamente as pernas para o lado e levantou-se. Era importante não produzir nenhum sobressalto, nenhum barulho ou movimento súbito que pudesse amedrontar o paciente, levando-o a uma regressão psicológica. Os poucos minutos seguintes seriam tão delicados como os procedimentos cirúrgicos que ele tinha executado. O médico que existia nele estava preparado para a ocasião.

– Um amigo – disse suavemente.